

A *Abril* dedica este número à poesia, reunindo um conjunto de artigos que abordam seus diferentes aspectos teóricos e analíticos a partir de uma visada crítica contemporânea e com a consciência da diversidade dos espaços de língua portuguesa em que ela se elabora, como denotam os vários poetas aqui examinados. Provocamos, de propósito, essa convocação plural de nomes, tempos, espaços, pois interessa-nos mostrar que é no heterogêneo que se tornam mais evidentes linhas de sentido a movimentarem essa palavra fluida, a da poesia.

Não vamos, por isso, enumerar os ensaios que compõem nosso sumário, mas enfatizar esse entrecruzar de vozes e terras, destacando determinadas questões que vêm sendo abordados com mais intensidade na crítica da atualidade. Este número traz, em síntese, três temas fundamentais: a constituição e deslocamentos da imagem na escrita de poesia, a constituição da memória do sujeito e a da coletividade, manifestas na matéria dos versos e as estratégias de resistência que a poesia pode elaborar. Do primeiro tema, a reflexão de Rosa Martelo dá-nos fortes elementos para discutir a elaboração da imagem e suas implicações em poesia a partir de “estratégias de liberdade e de resistência”. Com o exame, sobretudo, da poesia portuguesa da década de 60, que tanto enfatizou o domínio da imagem, a ensaísta portuguesa busca entender a sua condição plural e formulações para que a linguagem seja fonte de criação e de emoção, proporcionando um outro conhecimento sobre o mundo. Da década de 60, também trata o estudo de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, abordando o registro narrativo e a crítica da Guerra Colonial presentes na muita poesia que se fez nesse período. Discutem a formulação de um vasto “arquivo de dor”, ou seja, a constituição e partilha de uma memória privada e pública em torno da guerra e suas consequências por mais de uma geração de portugueses. Desses dois textos iniciais lançam-se fios de sentido que são trançados pelos demais textos na variedade de abordagens e análises. Atravessando tudo, o princípio de resistência, que faz a linguagem poética insistir em meio ao caos, à destruição e ao vazio das existências.

Muitos dos estudos aqui reunidos desenvolvem a relação poesia e visualidade por diferentes trilhas, mas especialmente como trânsito inter-semiótico, seja no encontro entre poesia e pintura, seja entre poesia e novas artes como o cinema e a fotografia. Nesse jogo de olhares sobre o mundo, acolhemos abordagens que tratam de uma geografia poética, em torno da noção de paisagem ou de um imaginário do espaço que muito bem espelha construções culturais fundamentais. Tais estudos que se valem de pesquisas muito atuais sobre a noção de paisagem e de natureza, como a geopoética, geocrítica e a ecocrítica, ajudam-nos a pensar identidades e afetos na relação homem e mundo, o modo como habitamos nossos espaços de vida e de memórias. Contribuem para motivar ou ampliar determinados interesses críticos que examinam o poético como espaço privilegiado de resistência ao *não-lugar* e ao *não-sentido*. Nessa direção, a importância de trabalhos que investigam a memória ou a intimidade entre sujeitos e terras, entre culturas diferentes de língua portuguesa, em um mosaico de cores, paisagens e rostos. É pensar, enfim, as configurações da subjetividades hoje no domínio das culturas de língua portuguesa.

Os estudos ora lançam um olhar macroestrutural sobre um determinado estado de arte, ora examinam com atenção autores específicos, alguns já nomes incontornáveis da poesia de língua portuguesa. São vozes brasileiras, angolanas, moçambicanas, portuguesas a se cruzarem no espaço deste número para a constituição de uma rede de entradas críticas que pode ser muito útil ao leitor interessado.

Destaque-se também a entrevista com Maria Teresa Horta, sua “palavra voada”, que, desde o início da década de 60, vem sendo dita como forma de marcar o lugar de liberdade do feminino e os espaços de respiração que a poesia permite, seja isso chamado de beleza, emoção, afeto ou trabalho amoroso sobre as palavras.

Reúnem-se ainda quatro resenhas sobre obras publicadas recentemente em torno de poetisas ou de espaços de escrita (corpo, casa e cidade), colaborando para a divulgação de obras e para o diálogo sobre elas.

Nesse tom de interlocução, fecha-se o número com um texto de Jorge Fernandes da Silveira que, em uma espécie de carta a um editor, defende a necessidade de publicar poesia, para construir um “país possível”, onde muitos se encontrem em uma sala de convívio prazeroso e atento, como bem defendia o poeta Ruy Belo.

Portanto, cumpre-se mais uma vez o projeto que move a revista *Abril*: ser lugar de um pensamento inteligente sobre as literaturas de língua portuguesa, com a insistência do diálogo, com o domínio teórico e crítico, com a capacidade de oferecer ao leitor uma reflexão atual sobre essas obras, figuras e espaços literários que se oferecem à leitura de todos que habitam a língua portuguesa. Um oferecimento íntimo, pois são corpos textuais sedutores que nos atraem, provocam nossa atenção e entregam-se como abrigos do pensamento. Por isso, não à toa, escolhemos, para a capa deste

número, a fotografia de Alain Gavage, intitulada “Fôret au bois”, a quem agradecemos a autorização de uso. Nessa paisagem, reúnem-se imagens e sentidos tratados neste número: a ponte a ligar o diverso; a água a ritmar o tempo e a floresta a abrigar o olhar do sujeito e sua procura de resistir à própria finitude.

Mas, uma última palavra: recentemente, um dos poetas, aqui abordados, partiu. Trata-se de Manuel António Pina, voz forte da poesia portuguesa das últimas décadas, senhor de uma escrita funda da memória, da imagem poética, da paisagem. Na homenagem a esse poeta que se calou fisicamente, a certeza de que sua poesia continuará ressoando, como ressoam todas estas vozes literárias e críticas que estão aqui, nas páginas da *Abril*, falando de subjetividades, de terras, de memórias, de olhares, de escritas do nosso mundo belo e inquietante, ao mesmo tempo.

Niterói, novembro de 2012

*Ida Alves*

*Laura Cavalcante Padilha*

Organizadoras